https://doi.org/10.20336/rbs.1181

Performances políticas da extrema direita no Brasil: invasões na FFLCH-USP e a circulação digital do ódio ao conhecimento

Political performances of the far right in Brazil: invasions at FFLCH-USP and the digital circulation of hatred towards knowledge

Performances políticas de la extrema derecha en Brasil: invasiones en la FFLCH-USP y la circulación digital del odio hacia el conocimiento

Marcelo de Trói[*]

Bruno Ciorlia Nascimento[**]

RESUMO

O artigo analisa de forma crítica as novas formas contemporâneas de política da extrema direita no Brasil, a partir dos discursos autoritários, práticas de desinformação e performances políticas articuladas nas redes sociais. O foco da análise são as invasões ao campus da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 2025, instituição histórica das ciências humanas com alto capital simbólico, histórico de resistência à ditadura civil-militar e origem de diversos quadros políticos no Brasil. O artigo busca compreender o motivo da escolha desta unidade para as invasões e como a extrema direita mobiliza afetos e narrativas de ódio ao conhecimento a partir das tecnologias digitais, configurando um novo regime de circulação simbólica e política. Argumenta-se que tais práticas constituem uma estetização da política, atualizada no campo digital, constituindo-se como uma nova forma de fascismo em rede e que tem como base o ódio histórico dos movimentos autoritários ao conhecimento.

Palavras-chave: extrema direita, USP, fascismo, *performances* políticas, anti-intelectualismo, redes digitais.

[*] Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
Professor no curso de Gestão de Políticas Públicas e do Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP). Email: marcelotroi@usp.br

[**] Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
Graduando em Gestão de Políticas Públicas na Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP). Email: brunonascimento06@usp.br

ABSTRACT

The article critically analyzes the new contemporary forms of far-right politics in Brazil, focusing on authoritarian discourses, disinformation practices, and political performances expressed through social media. The analysis centers on the 2025 invasions of the School of Philosophy, Languages and Human Sciences (FFLCH) at the University of São Paulo – an institution historically associated to the humanities, with strong symbolic capital, a legacy of resistance to the civil-military dictatorship, and the formation of several Brazilian political figures. The article seeks to understand the reasons behind the choice of this specific school for the invasions and how the far right mobilizes sentiments and narratives of hatred towards knowledge through digital technologies, shaping a new regime of symbolic and political circulation. It argues that such practices constitute an aestheticization of politics, updated in the digital field as a new form of networked fascism rooted in the historical hatred of authoritarian movements toward knowledge.

Keywords: far right, USP, fascism, political performances, anti-intellectualism, digital networks.

RESUMEN

Este artículo analiza críticamente las nuevas formas contemporáneas de la política de extrema derecha en Brasil, a partir de los discursos autoritarios, prácticas de desinformación y performances políticas manifestados en redes sociales. El análisis se centra en las invasiones del campus de la Facultad de Filosofía, Letras y Ciencias Humanas de la Universidad de São Paulo en 2025, una institución histórica de humanidades con un alto capital simbólico, una historia de resistencia a la dictadura cívico-militar y cuna de varias figuras políticas de Brasil. El artículo busca comprender el motivo de la elección de esta institución para las invasiones y cómo la extrema derecha moviliza sentimientos y narrativas de odio hacia el conocimiento, utilizando tecnologías digitales, configurando un nuevo régimen de circulación simbólica y política. Argumenta que estas prácticas constituyen una estetización de la política, actualizada en el ámbito digital, constituyendo una nueva forma de fascismo en red basado en el odio histórico al conocimiento sostenido por los movimientos autoritarios.

Palabras clave: extrema derecha, USP, fascismo, performances políticas, antiintelectualismo, redes digitales.

Introdução

Nas últimas décadas, o campo da educação tornou-se alvo preferencial dos discursos e práticas da extrema direita, convertendo-se em símbolo de tudo o que é denunciado como "esquerdista", "ideológico" ou "antipatriótico". Esse processo tem raízes em movimentos como o Escola sem Partido (Trói, 2019) e no avanço do que alguns estudiosos identificam como "guerra cultural" (Leher, 2021; Alexander, 2018), embate que se consolidou no país a partir de 2013 e ganhou força durante o ciclo bolsonarista. Instituições de ensino superior foram reiteradamente atacadas sob a acusação de promover "doutrinação ideológica" e "balbúrdia" (Percassi *et al.*, 2024). Os embates contra a universidade, em especial os ataques às unidades que ensinam e pesquisam ciências humanas, constituem um projeto sistemático de deslegitimação da produção de conhecimento, inscrito em uma lógica de polarização que transforma a figura do intelectual em inimigo político. Essa ofensiva discursiva foi potencializada pelas redes digitais que operam como amplificadores de moralismos e simplificações, transformando a crítica à ciência e à razão em forma de capital político.

Do ponto de vista social, esta estratégia se relaciona à ampliação do acesso à universidade a partir da mudança no perfil socioeconômico do público universitário, marcando o fim dos "privilégios fundados no culturalismo e na desigualdade social" (Ares *et al.*, 2022, p. 55). A mudança da "qualidade social" dos "detentores de título", como afirmou Bourdieu ao analisar os efeitos da "inflação escolar", é uma evidência de que o título perde seu valor ao tornar-se acessível para pessoas "sem valor social" (Bourdieu, 2003, p. 157). Outra motivação, que também se aproxima deste argumento, é a presença de mulheres no espaço intelectual (Carlotto, 2025), o que aumentou o ressentimento daqueles que enxergavam a universidade como um território exclusivo. Ademais, é oportuno recordar que, durante a epidemia da Covid-19, nos países em que a extrema direita governava, houve um movimento amplo de erosão da autoridade científica e do estatuto público do saber (Trói & Quintilio, 2021). Essa retrospectiva contribui para situar o caso brasileiro em uma dinâmica transnacional, na qual as plataformas digitais funcionam como o principal meio de circulação de afetos políticos e desinformação.

O campo da educação torna-se, assim, um campo de disputa em torno da verdade, de uma suposta neutralidade do conhecimento, do ataque às ideias de progresso e da racionalidade moderna. O próprio Governo do estado de São Paulo, uma administração herdeira do espólio bolsonarista e considerada de direita radical, reduziu em mais de 35% as disciplinas de ciências humanas – em especial, Filosofia e Sociologia, que perderam 63% da carga horária (Palhares, 2025). Tais estratégias se conectam com a reforma do ensino médio, a construção de uma escola prioritariamente técnica e um movimento de reforma digital, no qual se escondem ideais privatistas (Saura *et al.*, 2024). A universidade pública se insere neste contexto, a partir da perspectiva de implantação de um Estado mínimo e da ideia de que, o agora ensino público, após seus processos de ampliação do acesso, deve ser privatizado em nome da boa saúde financeira dos governos neoliberais (Farage, 2022).

Ainda que trabalhos recentes avancem na caracterização dos ataques simbólicos e discursivos contra as universidades, há um aspecto que permanece pouco explorado: a forma como as ofensivas da extrema direita têm incorporado práticas de ação direta e espetacularização midiática, transformando episódios de violência e invasão em eventos performativos destinados à viralização digital. As agressões não se limitam à retórica, mas se convertem, cada vez mais, em agressões ao corpo docente e discente em encenações calculadas para gerar conteúdo, engajamento e visibilidade. Essa dimensão performática – que combina violência física, estética digital e moralismo religioso – exige novas ferramentas analíticas que articulem sociologia política, teoria crítica e estudos da comunicação. A literatura sociológica tem demonstrado que a ação política contemporânea não se organiza apenas a partir de estruturas formais, mas por meio de repertórios performativos que articulam corpo, imagem, emoção e circulação midiática (Tilly, 2008; Taylor, 2003; Jasper, 2011). Nesse sentido, as incursões da extrema direita à Universidade de São Paulo devem ser compreendidas menos como protestos convencionais e mais como *performances* comunicacionais, orientadas desde sua concepção para a visibilidade e a viralização.

Dentre as centenas de universidades na cidade de São Paulo, este artigo busca compreender os motivos de a ação ter como alvo a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), mesmo que o nome específico da instituição não apareça

nos discursos dos agressores. Para nós, o que se expressa na análise de conteúdo dos vídeos da invasão é a pretensão de atingir o capital simbólico da instituição e sua forma pública de financiamento. A FFLCH já esteve no centro dos debates entre esquerda e direita no período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1968), de modo que é preciso compreender seu capital simbólico nas atuais disputas políticas e estratégias da extrema direita em um ano pré-eleitoral. Tal capital não deixa de ter relação com certa hostilidade em relação ao público a partir da diferenciação que o acesso ao ensino superior provocou, gerando distância e isolamento, fenômeno relatado por Bourdieu (2007). Parece-nos uma barreira importante a ser vencida para lidar com os ressentimentos que têm movido as estratégias da direita, em especial quando tratamos do acesso à universidade pública.

Nosso objetivo é recompor algumas questões históricas ligadas ao tema e analisar as atuais estratégias de organização da extrema direita no Brasil, tomando como ponto de inflexão os episódios recentes de invasão ocorridos na FFLCH-USP, em 2025. Por que tal ação não aconteceu na Escola Politécnica? Por que não na Faculdade de Economia? Por que não na Faculdade de Farmácia? Todas essas unidades estão alocadas no mesmo *campus* da Universidade de São Paulo, mas não são alvos. No discurso dos agressores, como veremos, a FFLCH opera como metonímia da USP e, de forma mais ampla, da universidade pública e das ciências humanas, locais onde autores e autoras demonizados pela extrema direita são estudados. A presença de incursões e menções a outros locais, como o Diretório Central dos Estudantes (DCE-USP), um espaço político e, portanto, dedicado ao pensamento crítico e à luta pelos direitos estudantis, reforça essa interpretação. Dessa forma, embora as ações tenham ocorrido prioritariamente no espaço físico da FFLCH, o alvo simbólico reiteradamente mobilizado nos títulos dos vídeos, nas falas dos agentes e nos comentários de apoio é a Universidade de São Paulo como instituição, desconsiderando sua enorme diversidade de conhecimento aplicado e áreas distintas. Assim, as *performances* analisadas devem ser compreendidas como ataques à universidade pública enquanto campo simbólico de produção de conhecimento crítico, autonomia intelectual e resistência democrática. A argumentação esclarecerá por que os ataques acontecem nesta unidade e não em outras faculdades voltadas para as ciências exatas ou biológicas.

Propomos interpretar este evento não como um fato episódico, mas como uma *performance* política planejada, alimentada pelo ressentimento daqueles que não adentraram o espaço universitário e orientada pela lógica de visibilidade das redes, de modo a desinformar a população leiga quanto aos espaços de construção do saber livre. Essas ações mobilizam repertórios simbólicos do fascismo – o culto à virilidade, o ressentimento contra o saber, o desejo de purificação nacional –, o que atualiza um ecossistema digital no qual a política se organiza pela viralização e pela captura da atenção.

Evidentemente, em termos conceituais e metodológicos, tivemos dificuldade inicial em nomear a "reorganização" do espectro da direita, de modo similar ao constatado por Esther Solano Gallego (2018) ao analisar a emergência deste espectro político nos últimos anos. Mas conforme avançamos na análise, ficou evidente que grande parte das posturas desses grupos são "autoritárias e antidemocráticas" (Gallego, 2018, p. 12), com aspectos notadamente fascistas a partir de três "eixos", a saber, a sacralização do mercado, o "fundamentalismo religioso" e a reciclagem do fantasma do "anticomunismo" (Miguel, 2018).

A extrema direita, cujo ponto mais evidente é o bolsonarismo e seus atores políticos menos ou mais radicais, não se reduz a uma ideologia política tradicional, mas compõe um ecossistema afetivo e comunicacional – o que Bruno Reinhardt e Letícia Cesarino (2024) definiram como uma "tática de guerra híbrida" que funciona a partir de um "dispositivo de administração atmosférica da prontidão" em temporalidades de crises permanentes.

> Esses projéteis afetivos-informacionais se infiltravam no aparato cognitivo da população, administrando cadências, ritmos e alvos de seu antagonismo de acordo com a ocasião, às vezes com fluxos de desinformação e enxames (*swarming*) induzido por robôs ou influenciadores sobre alvos específicos, outras vezes sustentando uma sensação duradoura de ameaça sem objeto específico (Reinhardt & Cesarino, 2024, p. 13).

Nessa "atmosfera", o ódio ao conhecimento e a negação da ciência funcionam como princípios de coesão simbólica, articulados a práticas digitais que mesclam espetáculo, desinformação e moralismo. Ao analisar as invasões da FFLCH-USP em 2025 como *performance* política, pretendemos compreender como a extrema direita brasileira se reinventa no cruzamento

entre corpo, imagem e algoritmo – um campo híbrido em que a violência física é inseparável da circulação digital e em que a disputa pela verdade se converte em disputa por atenção. A concentração das invasões em um curto intervalo de tempo, ao longo de 2025, deve ser interpretada à luz dessa lógica performativa. A repetição das ações indica um processo de escalonamento estratégico, no qual cada incursão retroalimenta a seguinte por meio do sucesso medido em visualizações, compartilhamentos e comentários. Trata-se de uma dinâmica típica da política algorítmica, em que a eficácia da ação é avaliada por métricas de atenção (Couldry & Mejias, 2019). O contexto pré-eleitoral intensifica esse movimento, transformando a universidade em recurso simbólico para a acumulação de capital político e midiático.

Para além das referências bibliográficas que já tratavam sobre o tema, incluímos um olhar histórico para a problemática do anti-intelectualismo, além da análise de conteúdo de vídeos das invasões da FFLCH-USP veiculados no YouTube. Do ponto de vista metodológico, embora tenham sido registradas oito incursões ao *campus* da USP em 2025, a análise concentrou-se em três episódios que apresentaram maior densidade empírica: amplo material audiovisual disponível, forte repercussão nas redes sociais, o fato de o agente envolvido ser o vereador mais votado na última eleição da cidade de São Paulo (Barbon *et al.*, 2025) e a explicitação dos elementos performativos centrais à hipótese do artigo. Os demais episódios reproduzem padrões discursivos, estéticos e afetivos semelhantes, de modo que a seleção permitiu uma análise qualitativa aprofundada sem prejuízo da compreensão do fenômeno em sua totalidade (Bardin, 1977; Duarte, 2002). Também fica explícito que estas invasões se conectam às medidas tomadas pelo Governo do estado de São Paulo na direção de enfraquecer o ensino das ciências humanas no ensino médio e na diminuição orçamentária das universidades públicas, em uma evidente racionalidade neoliberal (Brown, 2019) que transforma o conhecimento público em mercadoria e fragiliza sua função crítica.

Parte das estratégias da extrema direita está assentada em movimentos anteriores, ideias organizadas dentro da lógica do conhecimento científico, mas que carecem de base empírica e conceitual. São parte desses movimentos o já citado Escola sem Partido, produções "filosóficas" originárias das ideias de Olavo de Carvalho (2014), além de conteúdos divulgados nas redes sociais dos chamados influenciadores

que promoveram/promovem ou incentivaram/incentivam ataques às universidades públicas, elegendo-as como centros de emissão de um suposto plano comunista de tomada do poder.

Anti-intelectualismo e fascismo: deslocamentos históricos e apropriações contemporâneas

Desde tempos remotos, nenhum pensamento crítico foi suportado por ditadores e autocratas. Entretanto, a literatura sociológica sobre o fascismo e o autoritarismo foi categórica ao afirmar que o anti-intelectualismo é um de seus elementos estruturantes. Desde *Estudos sobre a personalidade autoritária* (Adorno, 2019), o desprezo pelo pensamento crítico e a desconfiança das instituições de conhecimento aparecem como traços psicológicos e culturais que sustentam o fascismo social. Tal leitura foi aprofundada por autores como Hofstadter (1963), que interpretou o anti-intelectualismo norte-americano como forma de ressentimento de grupos médios e populares diante das elites culturais e científicas no contexto do macarthismo. Por sua vez, Umberto Eco (2018) definiu o fascismo não apenas como um regime político, mas um conjunto difuso de hábitos mentais que exaltam a ação e desprezam a reflexão. Enquanto fenômeno historicamente ligado ao espectro político da direita, movimentos anti-intelectuais contemporâneos renascem sob novas linguagens, apropriando-se das tecnologias da comunicação e dos discursos da liberdade individual para atacar a racionalidade crítica e a mediação científica.

Se, nas primeiras décadas do século XX, o anti-intelectualismo se expressava na recusa da arte moderna e na perseguição aos intelectuais como inimigos da nação, hoje ele se reorganiza nas plataformas digitais, mobilizando afetos de ódio e teorias conspiratórias. Essa mutação revela, como observa Cesarino (2020), a consolidação de uma episteme digital autoritária, em que a verdade é substituída por regimes de crença e engajamento. A cultura da desinformação opera como mecanismo político de controle e de produção de sentido, ressignificando a velha estética fascista da ação direta e do voluntarismo moral. Nesse contexto, o ódio ao conhecimento reaparece como *ethos* político da nova extrema direita: uma rejeição à complexidade e à crítica, propagada como espontaneidade

popular e autenticidade moral. O que vimos, ao longo das duas últimas décadas, é que as conquistas e a ampliação das oportunidades de cidadania e educação, a partir da Constituição de 1988 e da emergência dos direitos humanos, provocam uma reação conservadora na qual o conhecimento emerge como a causa da ascensão de novos atores políticos que tentam "demonizar a política e o debate [...] escolhendo inimigos a serem combatidos e eliminados do convívio social" (Trói, 2019, p. 53).

Paradoxalmente, as novas direitas têm se apropriado de estratégias historicamente associadas à esquerda, reconfigurando seus sentidos e funções. As táticas de ocupação, enfrentamento simbólico, presença do corpo e mobilização de base – marcas de movimentos estudantis e operários desde 1968 (Trói, 2021) –, são agora reelaboradas como formas de insurgência moral e política pela extrema direita. Fenômenos recentes como o movimento *Occupy Wall Street*, que inspirou novas formas de ação direta em rede, serviram de matriz estética e comunicacional para grupos de direita que passaram a se organizar em torno de ideias "antissistema", "anticorrupção" e a favor da "liberdade de expressão".

Essa inversão revela um deslocamento profundo nas práticas de mobilização política global e das novas estratégias do espectro da direita. O repertório de enfrentamento, antes associado à emancipação, é reapropriado para fins autoritários, transformando a ação coletiva em *performance* moral e o discurso de resistência em retórica de purificação. A ascensão global das novas direitas – do trumpismo nos Estados Unidos ao bolsonarismo no Brasil, passando pelos movimentos soberanistas europeus – mostra que tais grupos não apenas disputam narrativas, mas também reconfiguram as formas de ação política.

No caso brasileiro, essa mutação se expressa nas ocupações de espaços públicos, transmissões ao vivo de protestos e retórica de "reconquista do povo". A invasão da FFLCH-USP, centro desta análise, reproduz alguns gestos performativos das ocupações estudantis, mas os inverte: não se trata de resistir ao poder, e sim de, simbolicamente, purificar o espaço do saber, transformando a crítica em heresia.

Por que a FFLCH?

A FFLCH, historicamente associada à crítica social e à formação de intelectuais engajados, converteu-se em uma espécie de metonímia da elite intelectual da esquerda. Um dos eventos que inseriram a Faculdade neste imaginário foi a chamada batalha da Rua Maria Antônia, em 1968, que culminou com a transferência da instituição para o campus Butantã. Longe de ser um evento isolado, a luta campal que se deu entre os estudantes da USP e da Universidade Presbiteriana Mackenzie refletiu no local as revoluções que abalaram os anos 60 e se espalharam por todo o globo (Trói, 2021). Também é histórica a invasão do Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP), em 1968, quando mais de 1.200 estudantes foram presos (ADUSP, 2024). Em 2012, tensões envolvendo as forças de segurança e manifestantes que ocupavam a reitoria da USP fizeram emergir a memória dos anos 60 e trouxeram novas discussões sobre a autonomia universitária em razão de um convênio firmado pela então administração da Universidade com a Polícia Militar do Estado de São Paulo (Almeida, 2012), permitindo a presença ostensiva da corporação no campus.

Se é no imaginário nacional da resistência e da construção do inimigo que a extrema direita precisa enfrentar para afirmar sua identidade política, a FFLCH se converte numa espécie de covil dos comunistas. É importante lembrar que, desde aquela época, não há uma unicidade de pensamento, como se tenta propagar, sendo esta faculdade um local de efervescência cultural e de conflitos (Silva, F., 2014; Silva, A., 2024). A FFLCH nunca foi este território ideologizado, enfrentando inclusive diversos desafios no período de reconstrução da democracia no Brasil (Biazo, 2011). Professores foram cassados no regime militar, e muitos debates foram realizados para definir os rumos que a universidade deveria seguir: "aceitar as exigências do mercado e da lógica da produtividade, sucumbindo a interesses de ordem privada, ou seria capaz de preservar os interesses públicos enquanto instituição pública que é?". Questiona-se, inclusive, o "desaparecimento" de "intelectuais engajados" (Biazo, 2011, p. 2), o que demonstra que não se pode atribuir à FFLCH uma espécie de aparelho ideológico, como os vídeos das invasões querem dar a entender.

Com isso, não estamos afirmando que não há, dentro da faculdade, uma tradição sociológica de atuar para a transformação do mundo. Dentro

do campo sociológico, dos teóricos clássicos aos contemporâneos, a transformação da realidade é presente em muitas correntes de pensamento (Giddens, 1998), incluindo aquelas derivadas do marxismo, a exemplo da teoria crítica. Reconhecer isso está longe de significar que as universidades sejam espaço de ideologização e doutrinação nos moldes difundidos pela extrema direita. A FFLCH foi responsável pela formação de diversos líderes políticos, da esquerda à direita, e que chegaram à presidência da República, a exemplo do sociólogo Fernando Henrique Cardoso. Muitos outros políticos, independentemente de suas filiações partidárias ideológicas, chegaram também a posições de destaque nacional sem passar pela faculdade. Narrar as escolas, as universidades – em especial, as públicas – como locais da degradação moral e de certo tipo de ideologização é uma estratégia política recente da extrema direita e uma das dimensões essenciais do bolsonarismo (Veras, 2020). A aproximação com Olavo de Carvalho "mobilizou uma astuta estratégia de fornecer para a nova direita cultural uma constelação doutrinária chamada aqui doravante de 'olavismo cultural'" (Veras, 2020, p. 7), o que converteu estes espaços no *locus* da deformação do sujeito, no qual a interpretação crítica deve ser eliminada em nome de um suposto objetivismo e verdade histórica.

> Os autores não dizem nada, meu filho: você é que "constrói" as obras deles. Em educação infantil, a longa hegemonia das doutrinas "construtivistas" de Jean Piaget, Emilia Ferrero, Paulo Freire e *tutti quanti* consagrou a estupidificação geral da meninada como uma grande realização pedagógica: não se espante quando seu filho voltar da escola seguro de que o teorema de Pitágoras é uma imposição cultural arbitrária, de que Jesus Cristo era gay ou de que existem campos de concentração em Israel. Afinal, a realidade é pura construção (Carvalho, 2014, p. 134).

Olavo de Carvalho surge como a base teórica, conceitual e científica, na qual o anti-intelectualismo se consolidou e foi amplamente difundido[1] em núcleos afetivos e ideológicos da extrema direita brasileira, expressando uma profunda desconfiança em relação ao ensino e às universidades. Para ele, a "moda das drogas, na década de 60, não começou nas classes baixas,

[1] Segundo dados divulgados pelo Curso *Online* de Filosofia (585 aulas), mais de 80 mil pessoas já tinham realizado o curso com o filósofo. Acesso em 21 de outubro de 2025, em https://tsa.seminariodefilosofia.org/?_gl=1*1uxr28*_gcl_au*MjQ2NDg4NjIxLjE3NjEwNzI4Njc.

mas nas universidades, nos grupos de teatro, nos círculos de psicólogos, rodeada do prestígio de um vício elegante e iluminador", se alastrando "como metástases de um câncer por toda a sociedade" (Carvalho, 2014, p. 80).

Tal pensamento se espraiou em outros campos, não essencialmente do conhecimento, mas religiosos, nos quais a difusão de ideias políticas foi um campo fértil na busca de eleitores para "livrar" o Brasil da "degradação moral". Em 2024, André Valadão, pastor e presidente da Igreja Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte (MG), defendeu durante pregação que os fiéis não deveriam enviar os filhos para a universidade.

> Não manda, vai vender picolé na garagem! "Ah, mas eu não criei o meu filho pra isso". Você criou para quê? Pra ele ir pro inferno? Criou sua filha pra quê, pra virar uma vagabunda? Ou você criou ela pra ser uma mulher santa, uma mulher digna de família, cheia de Deus? Aí ela tem um diploma, é rodada, é doida [...]. Mas daí o seu filho está lá: Doutor, mestrado, doutorado, *rabalado* [*sic*]… Você vai falar de Jesus, e ele vai falar assim: "Não fala de Deus para mim, não". Acabou sua vida, irmão.[2]

Esse fenômeno, embora se apresente com novas roupagens digitais, carrega uma longa genealogia de hostilidade ao pensamento crítico e ao conhecimento sistemático. Adorno (2019) já observava que a mentalidade autoritária se alimenta da recusa à reflexão autônoma e da adesão a explicações simplificadas do mundo, enquanto Chauí (2021) descreve o "ódio ao saber" como uma forma de ressentimento social – uma resposta deformada à frustração diante de hierarquias simbólicas e materiais que delimitam quem pode falar e quem é autorizado a saber. No Brasil, esse ressentimento assume contornos próprios: muitos dos que não tiveram acesso à universidade ou que se viram deslocados pelo avanço das políticas de inclusão passaram a construir uma narrativa de desconfiança em relação às instituições acadêmicas, vistas como espaços de corrupção moral, ideológica e política.

Essas dinâmicas produziram uma forma de ressentimento que se expressa como revanche simbólica. O saber científico é reconfigurado como signo de exclusão e arrogância, o que legitima uma política de

[2] UOL. (2024). Pastor André Valadão diz a fiéis para não mandarem filhos para faculdade: 'Vai vender picolé'; vídeo [Vídeo]. YouTube. Acesso em 17 de outubro de 2025, em https://www.youtube.com/watch?v=YyVOxF00Qoc.

enfrentamento de um suposto "povo comum" contra as "elites intelectuais". O anti-intelectualismo, portanto, não é apenas uma atitude emocional, mas uma tecnologia política de mobilização. Ele opera pela desqualificação dos mediadores do conhecimento e pela construção de uma identidade moral do "cidadão de bem" em oposição ao "professor doutrinador" e ao "pesquisador esquerdista". As redes sociais amplificam essa operação: nelas, o ressentimento se converte em *performance*, o discurso em espetáculo, e a raiva em forma de pertencimento coletivo.

As invasões da FFLCH em 2025 são a materialização da nova estratégia da extrema direita e não podem ser lidas apenas como episódios de vandalismo – são antes *performances* políticas, encenações do conflito entre o "povo" e o "saber". Inspiradas em lógicas de espetáculo e nas gramáticas das redes digitais, essas ações visam tanto o ato em si quanto sua circulação posterior: o gesto físico de violar o espaço universitário é pensado desde o início como conteúdo a ser compartilhado, remixado e celebrado nos ambientes virtuais. A violência simbólica se desloca, então, do *campus* ao *feed* – o ataque torna-se narrativa, e a narrativa, instrumento de mobilização. Ao representar a universidade como território inimigo, a extrema direita produz uma inversão simbólica poderosa: aquele que invade se coloca como defensor da liberdade, enquanto o espaço do pensamento é retratado como bastião da tirania ideológica. O ataque, portanto, é duplamente simbólico: destrói e comunica, rompe e encena, alimentando o circuito afetivo do ressentimento de um "povo" em luta contra a arrogância do saber. É a partir desse enquadramento que se torna possível compreender a função das imagens, vídeos e transmissões produzidas durante as invasões – tema que será desenvolvido na próxima seção.

Análise das invasões

A análise buscou ampliar a dimensão comunicacional e performativa das ações da extrema direita, articulando mobilização política, lógica algorítmica e produção de afetos. O foco desloca-se do evento isolado para a compreensão das invasões como estratégias comunicacionais planejadas, inseridas em um ecossistema digital que converte o conflito em espetáculo e o ódio ao conhecimento em capital político.

Neste sentido, as plataformas digitais operam como arenas centrais dessa mobilização. Como argumentam Bennett e Segerberg (2012), formas recentes de ação coletiva se estruturam segundo uma lógica de *connective action*, na qual o engajamento político é mediado por narrativas personalizadas, afetos e baixa mediação organizacional. Os protagonistas das invasões – políticos e influenciadores digitais – produzem conteúdos pensados para circular nos ecossistemas algorítmicos do YouTube e do Instagram, mobilizando títulos provocativos, imagens de confronto e legendas moralizantes. Expressões como "doutrinação", "balbúrdia", "dinheiro do povo" e "comunismo" aparecem de forma reiterada, funcionando como gatilhos afetivos e palavras-chave que ampliam o alcance algorítmico e reforçam identidades políticas antagonizadas.

Na análise de conteúdo, recorremos a Bardin (1977), para quem a análise deve oscilar entre dois polos: um objetivo, que é a descrição dos fatos, e outro subjetivo – a interpretação desses. No segundo polo, a tarefa é a "desocultação", revelação e interpretação do "não aparente" (Bardin, 1977, p. 9). Assim, nossa tarefa aqui é demonstrar como a estratégia de ataque à universidade, a partir do discurso de ódio, insere-se em uma pauta da extrema direita, conforme já apontado em Sponholz (2020). Os dados quantitativos, a exemplo das interações, curtidas e compartilhamentos, dão a dimensão do impacto da ação dos agentes e nos informam em que medida ela replica as estratégias da extrema direita. Por sua vez, na análise qualitativa, destacamos nas enunciações, as categorias que revelam as intenções discursivas e ideológicas dos agentes, pois nelas "se confrontam as motivações, desejos e investimentos do sujeito com as imposições do código linguístico e com as condições de produção" (Bardin, 1977, p. 170). Assim, as metonímias, as recorrências, as ambivalências e os jogos de palavras dos agentes nos vídeos da invasão da FFLCH compõem os significados que expressam suas intenções com a ação. As categorias, no sentido da análise qualitativa do conteúdo, criam um certo inventário, repartindo elementos e revelando organização e estratégias das mensagens (p. 118). A intenção da análise qualitativa não é o detalhe exaustivo proposto por Duarte (2002) em relação a um montante de entrevistas, mas evidenciar nos discursos dos agentes da invasão os elementos que corroboram as hipóteses e reflexões levantadas neste texto, ainda que de maneira provisória. Para atingir o segundo elemento da duplicidade simbólica do ataque, a performatização perante as câmeras e, posteriormente, a divulgação do conteúdo nas redes

sociais, os produtos audiovisuais devem ter como finalidade o engajamento, replicados em diversas publicações com o tema das invasões da USP.

A composição visual das capas dos vídeos e o enquadramento das cenas privilegiam o conflito corporal, a virilidade masculina e a ideia de enfrentamento direto, compondo o que Moffitt (2016) descreve como uma estética populista do confronto. Nessas *performances*, o agente político se apresenta como *outsider* destemido que "diz a verdade" diante de uma suposta elite intelectual corrupta, convertendo a universidade em palco simbólico de uma batalha moral. A circulação desses conteúdos produz o que Cesarino (2020) define como um regime de engajamento baseado menos na veracidade e mais na intensidade afetiva e na repetição.

Desde maio de 2025, foram oito invasões (Bergamim & Cantão, 2025) ao *campus* da FFLCH. Os vídeos foram postados pelos próprios agentes em seus perfis oficiais nas redes sociais, o que permitiu a análise dos acontecimentos. Foram selecionados três vídeos de canais do YouTube que registraram suas invasões à FFLCH, acessados em outubro de 2025, de modo que dados quantitativos como inscritos/seguidores, visualizações, curtidas e comentários foram restritos a este período. Como já explicado, tal escolha dos três vídeos priorizou a ampla quantidade de materiais disponíveis, sua repercussão nas redes e a objetividade de discussão para um artigo científico. A ordem cronológica das invasões e seus respectivos agentes são: 16/05/2025 (Victor Ruiz); 22/05/2025 (Lucas Pavanato) e 19/06/2025 (Lucas Pavanato). Por razões metodológicas, analisaremos primeiro as publicações de Lucas Pavanato e, por último, as publicações de Victor Ruiz. Pensamos que esta é a forma ideal de desenvolver as análises em consonância com os argumentos apresentados frente ao discurso anti-intelectual e a defesa da privatização do ensino público superior.

O primeiro e o segundo vídeos são de autoria de Lucas Pavanato, 27 anos, político do Partido Liberal (PL), base aliada do Governo de São Paulo, publicados respectivamente nos dias 22/05/2025 e 19/06/2025. Pavanato foi o vereador mais votado de São Paulo nas últimas eleições municipais, em 2024, e pode ser facilmente enquadrado na tendência descrita pela literatura (Cesarino, 2020) de os políticos populistas encontrarem nas redes sociais uma forma de fazer política. Seu canal oficial do YouTube, @LucasPavanato, tem 1,13 milhões de inscritos, enquanto em seu perfil no Instagram, @lucaspavanato, ele tem 3,8 milhões de seguidores. O parlamentar é ex-

integrante do Movimento Brasil Livre (MBL), apoiador do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e se elegeu defendendo pautas como "proibir trans no banheiro feminino" e "investigar grupos terroristas que invadem propriedades na cidade" (Paiva, 2024). Esta não é a primeira vez que o vereador escolhe a FFLCH como alvo. Em 2023, Pavanato já havia visitado o *campus* da FFLCH e, segundo estudantes, chegou ao local acompanhado de agentes da Guarda Civil Municipal que faziam papel de segurança, quando passou a assediar alunos e filmar suas reações (G1, 2023).

Em 2025, Pavanato foi à FFLCH no dia 21/05/2025 e, no dia seguinte, publicou o vídeo: "FUI na USP e TENTARAM me EXPULSAR... DEU ERRADO!". A postagem contém 558.536 visualizações, 37 mil curtidas e 8.093 comentários. O vereador publicou outros dois vídeos com cortes do original em seu Instagram no mesmo dia e obteve 790,7 mil curtidas e 35,7 mil comentários, e outro em 26/05/2025 com 354,1 mil curtidas e 5,9 mil comentários. No dia 18/06/2025, Lucas Pavanato retornou à USP em companhia do ex-vereador de São Paulo, Fernando Holiday (PL), ação registrada em vídeo publicado em 19/06/2025 sob o título: "VOLTEI NA USP: DEFENDI A BANDEIRA DE ISRAEL!". A publicação contava com 716.101 visualizações, 37 mil curtidas e 8.093 comentários. Um vídeo do mesmo ato foi publicado em seu Instagram, com cortes do vídeo original, alcançando um total de 288,5 mil curtidas e 26,9 mil comentários.

Na primeira invasão,[3] Lucas Pavanato grava a sua caminhada pela USP em direção ao prédio da FFLCH. Durante o caminho, discute com um estudante. Depois, o vereador aparece sentado em um banco de plástico com uma mesa na qual há um cartaz escrito: "Bolsonaro é melhor que o Lula, prove o contrário" (minuto 02'02 do vídeo). Um estudante da FFLCH começa a gravar Pavanato e, após o parlamentar o chamar para conversar, diz que ele não é bem-vindo ali. Então, Pavanato responde: "Eu pago imposto pra essa merda aqui". Uma estudante se aproxima da mesa, rasga o cartaz e logo desmonta a mesa: "Vai embora daqui" (min. 02'36). A mesa é retomada pela equipe de Pavanato e o vereador responde: "Eu não vou sair". Após o atrito, ele se dirige à câmera: "A USP é uma faculdade que teoricamente teria que ser um espaço para debate para conversa, mas como é que a galera é. É os revolucionários de quintal" (min. 03'13). A categoria "revolucionários de quintal" visa desqualificar a reação dos estudantes.

[3] Vídeo disponível em: https://youtu.be/sKu1iKaupPI?si=zguCrso5GiX7eRZB.

Em dado momento, o atual diretor da FFLCH, Adrián Pablo Fanjul,[4] aproxima-se para conversar com o vereador que aponta para uma pichação e pergunta: "Esse tipo de pichação é normal aqui? Vocês não fazem nada?" (min. 03'40). A discussão continua e o parlamentar zomba de Fanjul e dos alunos: "Vocês são uma piada" (min. 04'25). Uma pessoa questiona a abordagem de Pavanato perante o diretor, que retruca: "Ele tá defendendo arruaceiro". Em determinado momento, os estudantes praguejam: "Recua fascista, recua!" (min. 05'18), enquanto Lucas Pavanato ri. Depois de sair da confusão, o vereador se dirige à câmera e fala: "Hoje eu vim provar para vocês que os vagabundos da USP que usam dinheiro público para não estudar, eles não têm poder nenhum" (min. 07'40).

O emprego da categoria "vagabundo" também aparecerá nos vídeos da invasão de Victor Ruiz. Historicamente, a categoria "vagabundo" tem um longo caminho de desqualificação moral e pejorativa no Brasil (Souza Júnior & Mansano, 2023). Ela é vista como sintoma de resistência à modernização do trabalho no capitalismo e foi utilizada de forma arbitrária na legislação para hierarquizar sujeitos no campo social, sendo hoje recorrente no discurso da direita/extrema-direita, em especial na sua defesa da meritocracia.

Assim, na lógica de Lucas Pavanato, a USP aparece como o local onde vagabundos e vagabundas podem desenvolver suas ideias revolucionárias, sendo bancados pelo "dinheiro público". O vereador usa seu poder de alcance por meio das redes sociais para disseminar um menosprezo à comunidade acadêmica da USP. Estes elementos discursivos expressam uma tentativa comum na estratégia da direita neoliberal: performar os atos contra instituições públicas para justificar cortes orçamentários, engajar seus eleitores e capturar outros públicos que desconhecem o ambiente universitário.

O endosso às atitudes do vereador está expresso em alguns comentários, os quais são majoritariamente a favor da ação. Destacamos alguns, transcritos da maneira como foram publicados, sem correção gramatical: o perfil @ janevillar7604 comentou: "Meu Deus olha o nível desses estudantes"; por sua vez, o perfil @tiagosantosndshá diz: "Esse lance de universidades públicas precisam urgente de uma mudança!". Nesta estratégia, os comentários são tão importantes quanto o próprio conteúdo veiculado, pois funcionam como

[4] Fanjul se pronunciou contra a invasão na reunião do Conselho Universitário da USP, disponível em: https://www.fflch.usp.br/175874. Acesso em: 31/10/2025.

índice de aprovação e criam engajamento, no caso, a constatação de que a universidade pública é um ambiente que precisa ser transformado.

Na luta pela virtude purificadora da extrema direita, Israel aparece como sinônimo de força moral e bélica, sendo uma força simbólica para este espectro ideológico, como demonstrado por Gherman e Klein (2021). Umas das invasões de Pavanato se relaciona diretamente com a questão judaico-palestina. Publicado no dia 19/06/2025, o vídeo que retrata a invasão[5] aconteceu em meio à onda de manifestações realizadas por estudantes da FFLCH-USP em defesa da Palestina. Pavanato afirma que, na última vez que foi à USP, viu diversas manifestações em favor da Palestina e apoio a grupos "terroristas" (min. 00'11). Lucas visita o Diretório Central dos Estudantes Livre da USP (DCE Livre da USP), para "inspecionar" as condições do local. Ao adentrar o ambiente, afirma apontando para as paredes: "Olha isso aqui, olha o tanto de pichação… A gente paga por essa merda aqui", "Símbolo do comunismo, pichação e sujeira". E completa: "Cheiro forte de maconha" (min. 00'54). O vereador e sua equipe chegam à FFLCH e se deparam com um estudante, que o aborda (min. 01'22). Pavanato abre a bandeira de Israel e a discussão se inflama. O estudante tenta apanhar a bandeira e Fernando Holiday grita: "É público ou não é essa porra!?", "Vamos defender Israel aqui sim, vocês defendem terrorista aqui, seus bostas!". Em seguida, os estudantes protestam e conseguem expulsar os agentes da invasão do prédio: "A gente veio defender Israel, mas aparentemente só pode defender terrorista aqui", afirma Holiday. Já no carro, prestes a sair do *campus*, Pavanato avista duas mulheres queimando a bandeira de Israel que foi tomada pelos estudantes e afirma: "Depois vocês entendem por que defende o aborto né, vida para essa galera não é importante não" (min. 06'23). Nota-se que, mesmo sem relação direta com o contexto, a categoria "aborto" aparece na fala do vereador, pois é tema central nos discursos da extrema-direita. O fato de o aborto ser permitido em Israel não impede que o país seja usado como símbolo, justamente porque "em vez do judeu moderno é o reino dos antigos israelitas que é implantado para apoiar a promoção da direita de uma sociedade altamente organizada, hierárquica e teocrática" (Gherman & Klein, 2021, p. 134).

Os comentários do segundo vídeo vão na mesma direção da legitimação e replicação do discurso propagado na invasão: @marwanderley escreveu:

[5] Disponível em: https://youtu.be/rVM-OmNXCQ8?si=Cbohj5QXGvmIQVZk.

"ISSO É A USP???? Credo cara!!! Eu já pensava coisa ruim, mas não imaginava que seria nesse nível!!! QUE VERGONHA ALHEIA!!!!". No comentário de @williamsantinoni8164, aparece uma relação entre a política de cotas e a qualidade de ensino: "As COTAS fizeram isso! Em quantidade, predominam os vagabundos, que nunca pararam pra estudar, nem antes, nem depois do vestibular. Graças as Cotas!". Tal manifestação endossa a tese que está no início deste escrito: de que a ampliação do acesso às universidades gerou um forte ressentimento em alguns setores da sociedade, já que as universidades públicas, historicamente, sempre foram ocupadas pelas classes média e alta (Ares *et al.*, 2022).

Por fim, terminamos a análise dos vídeos das invasões com o terceiro conteúdo, publicado no dia 16/05/2025, de autoria de Victor Ruiz, influenciador digital, ex-candidato a vereador de Itapevi (SP) pelo Partido Liberal (PL) e guarda-civil na mesma cidade. Victor faz parte do Instituto União Conservadora, grupo do qual alguns integrantes também participaram das invasões à USP. Nos perfis das redes sociais, a organização se autodefine a partir da categoria "rede de comunicação e ação", informação extraída de um *link* para recrutamento e admissão de novos militantes e que revela seu caráter protofascista a partir de categorias como "patriotas", "valores" e "nação".

> O Brasil precisa de nós, os verdadeiros patriotas, que defendemos os valores da nossa nação. Não podemos ficar parados enquanto o nosso país é destruído por aqueles que não respeitam a nossa bandeira. Precisamos nos unir, somando as nossas forças e talentos, para fazer a diferença. Esse formulário é o primeiro passo para você se integrar à união conservadora, uma rede de comunicação e ação que vai mudar o rumo da história. Não seja apenas mais um robô de internet, seja um agente de transformação. Seja a mudança![6]

Victor também é autor de um *ebook* chamado *7 Táticas para vencer qualquer conflito*. No *site* de vendas do livro, é dito que "Victor ganhou destaque confrontando comunistas, expondo suas contradições e entrando em fortes embates".[7] Na mesma página de marketing do livro, aparecem as estratégias que serão aprofundadas para quem comprar o produto: "Impor limites com firmeza; Transformar conflitos em alianças; Aprender

[6] Disponível em: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScrbi-_2_cknZKwNp62bHdz4FV7wuSo4jyg-BJGcs5pOlWYdw/viewform. Acesso em 23 out. 2025.

[7] Disponível em: https://victorruizsp.com.br/ebook7taticas/. Acesso em 25 out. 2025.

a dizer NÃO; Projetar autoridade pela voz; Impor presença com linguagem corporal; Resistir até vencer; Canalizar a agressividade de forma estratégica; Desestabilizar adversários com precisão".

As redes do agente também têm grande audiência, tendo o Instagram, @victorruizsp, 2,5 milhões de seguidores e seu canal no YouTube, @ VictorRuizSP, 474 mil inscritos. A primeira invasão de Ruiz à FFLCH foi registrada no vídeo "ARRANQUEI os CARTAZES dos COMUNISTAS na USP! Eles SURTARAM",[8] publicado em 16/05/2025, com 1.540.809 visualizações, 83 mil curtidas e 8.911 comentários.

No vídeo, Víctor chega ao prédio da FFLCH acompanhado por membros da União Conservadora e diz: "Nossa, olha o cheiro de maconha desse lugar" (min. 00'28). Em seguida, um dos membros aponta para uma pichação no muro com o dizer: "Fora PM da USP!". Ruiz lê em voz alta e acrescenta: "Será que se chegar um terrorista aqui agora e começar a meter bala em todo mundo, eles vão chamar a PM, sim ou não? Quem não gosta de polícia, vocês sabem o que é né. Vagabundo!". Em determinado momento, Victor se dirige a uma mesa que vende estampas de alguns personagens e símbolos ligados à esquerda, como Marx, Lenin, MST, e diz: "os caras em vez de estar estudando, tá promovendo ideologia esquerdista, e além disso ainda fica promovendo esses terroristas do MST aqui…" (min. 02'14). Ruiz replica discurso parecido com o de Pavanato para acusar os estudantes de fazerem qualquer outra coisa, menos estudar. Ele aponta para diversos cartazes pendurados nos parapeitos do prédio da FFLCH com frases como "No Brasil e no mundo. Derrotar nas ruas a extrema-direita" e afirma: "Aqui é um ambiente que foi contaminado pelas ideologias nojentas da esquerda. Você vê que os alunos chegam aqui dentro, e eles já são doutrinados, né? Porque a maioria, infelizmente, quando não concorda, acaba sendo obrigado a concordar com esse tipo de coisa" (min.05'01). O discurso endossa a suposição de Olavo de Carvalho, de que há uma doutrinação promovida pelas universidades. Victor Ruiz e outro membro da União Conservadora começam a arrancar e rasgar cartazes (min. 06'46). Ao longo do percurso, em meio a discussões com estudantes, ouve-se, repetidas vezes, frases como "o povo paga para vocês estudarem aqui". Em contraponto às manifestações contrárias dos estudantes da FFLCH, o agente dispara: "Que

[8] Disponível em: https://youtu.be/0IOkz2YsHns?si=_9KURICOUMrF7DiQ.

aula? Vocês nem estudam", "Aqui dentro não é lugar de fazer política". Já fora do prédio, Victor conversa com um segurança da Universidade, afirma que respeita o trabalho que eles fazem e explica suas motivações:

> infelizmente tem muito pai de família que tá pagando imposto para manter esses vagabundos aqui dentro que não sabe que eles estão fazendo. Tem muito pai de família que sonha no filho dele estudar aqui dentro, em colocar o filho dele numa universidade estadual, federal, porque ele não sabe que é assim que ocorre lá dentro. Ele não sabe que o filho dele vai ser contaminado por esse bando de marmanjo vagabundo que não quer saber de estudar. [E posteriormente, completa:] Muitos desses aqui vão se formar professores, vão dar aula para os meus filhos, para os seus netos, para os seus filhos. Isso não é justo (min. 14'55).

Em frente às câmeras, após a *performance* e o confronto com os alunos, a estratégia é demonstrar para os seguranças que eles estão ali em uma suposta ação virtuosa. Ao invés da agressividade, a estratégia é utilizar categorias como "pai de família" para apelar aos supostos valores tradicionais da sociedade brasileira. Víctor Ruíz se porta como uma pessoa de virtudes morais, um homem másculo e viril, capaz de "enfrentar" os alunos.

Letícia Cesarino (2020) demonstrou como a extrema direita passou a utilizar as redes sociais para difundir um sentimento de crise e desorganização epistêmica e moral, ao mesmo tempo que oferecia uma solução reducionista. Em estilo populista, esta solução de refazer uma sociedade corrupta e imoral deve ser feita pela liderança de um *outsider* antissistema, "todo-poderoso e imaculado" (Cesarino, 2020, p. 410). A última fala de Victor Ruiz é a síntese da estratégia difundida nos ataques à FFLCH e às universidades públicas em geral.

Conclusão

A noção de que o conhecimento não é neutro não é nova no campo sociológico, filosófico ou educacional. É sobretudo Foucault (2009) quem revela o caráter discursivo e não neutro do poder, a partir do binômio conceitual "saber-poder". O educador brasileiro Paulo Freire, rechaçado pela extrema-direita, também refletiu sobre a impossibilidade de um saber neutro (Freire, 2001).

As constatações a respeito do caráter não neutro do conhecimento não equivalem a dizer que existe um aparelhamento nas estruturas educacionais a orientar ideologicamente estudantes nas salas de aula. O processo educacional é muito mais complexo que esta simplificação. A homogeneidade atribuída à Universidade de São Paulo – e particularmente à FFLCH – é uma construção falaciosa. Longe de ser um "paraíso comunista", a instituição é marcada por contradições, pela diversidade crescente de seu corpo discente e por uma ainda limitada pluralidade docente, acompanhada de relatos de adoecimento e precarização (Piva, 2023).

Os ataques à USP, em especial à FFLCH, são parte da estratégia de demonização do ensino e do conhecimento crítico, preparando o terreno ou incentivando a sociedade para que os governos de caráter neoliberal possam atingir seu objetivo de acabar com o ensino amplo e gratuito garantido pela Constituição de 1988, como demonstram diversas ações empreendidas pelo atual Governo do estado de São Paulo.

Fica evidente que as novas estratégias políticas da direita e extrema-direita se pautam em *performances* simbólicas com a finalidade de circulação digital do ódio ao conhecimento. Sua base militante mobiliza afetos e narrativas para alavancar o engajamento e incitar investidas ostensivas às instituições públicas, em especial as universidades. O desmantelamento do ensino superior público, por sua vez, passa a encontrar respaldo nas próprias estruturas institucionais.

No jogo discursivo da defesa dos princípios do liberalismo, entre eles a manifestação e livre expressão do pensamento, nunca é demais relembrar os ensinamentos de Herbert Marcuse (2007) sobre os problemas de certa "ideologia da tolerância". A liberdade de expressão e pensamento não pode ser resguardada por uma tolerância que "favorece e fortalece a conservação do *status quo* da desigualdade e da discriminação". Assim, é preciso elaborar uma "tolerância discriminatória" que possa ser pensada e balizada a partir da identificação de movimentos de caráter agressivo ou destrutivo (Marcuse, 2007, p. 57).

A extrema direita contemporânea, por sua vez, não se organiza mais apenas como movimento político tradicional, mas como um ecossistema comunicacional sustentado por grandes conglomerados de informação e infraestrutura digital que potencializam a difusão de discursos de ódio e moralismo. A estratégia gira em torno de afetos negativos, narrativas

religiosas e ataques ao conhecimento, ressignificados sob o discurso da liberdade de expressão. Neste contexto, as *performances* políticas – como a invasão da FFLCH-USP – operam como "eventos-meme", que sintetizam, viralizam e reforçam pertencimentos identitários baseados no ressentimento e na violência simbólica. Diante desse cenário, impõe-se a urgência de uma sociologia crítica das tecnologias e das emoções políticas na era digital, capaz de compreender como os afetos, os algoritmos e a circulação de desinformação vêm redefinindo os contornos do autoritarismo contemporâneo e o próprio estatuto público do saber.

Referências

Alexander, Jeffrey C. (2018). Vociferando contra o Iluminismo: a ideologia de Steve Bannon. *Sociologia & Antropologia, 8*(3), 1009-1023. https://doi.org/10.1590/2238-38752018v8310

Almeida, Guilherme. (2012). Não existe Liberdade na USP. *Contraponto – Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo da PUC-SP, 76*(1), 14-16. https://revistas.pucsp.br/index.php/contraponto/article/view/15048

Adorno, Theodor W. (2019). *Estudos sobre a personalidade autoritária*. Editora Unesp.

ADUSP – Associação de Docentes da Universidade de São Paulo. (2024). *Invasão do Crusp por tropas da Ditadura Militar completou 56 anos nesta terça*. https://adusp.org.br/universidade/invasao-crusp/

Ares, Graziela, Villen, Gabriela, Gitahy, Leda Maria C., & Tessler, Leandro R. (2022). Memória e desinformação: os ataques da extrema-direita às universidades públicas brasileiras. *Relações Internacionais, 73*(1), 53-66. https://doi.org/10.23906/ri2022.73a05

Barbon, Júlia, Blum, Bárbara, & Damasceno, Victoria. (2025, 6 out.). Lucas Pavanato, vereador mais votado em SP, promete 'endireitar cidade' e proibir trans em banheiros. *Folha de S. Paulo*. https://www1.folha.uol.com.br/poder/2024/10/lucas-pavanato-vereador-campeao-de-votos-em-sp-promete-endireitar-cidade-e-proibir-trans-em-banheiros.shtml

Bardin, Laurence. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

Bennett, W. Lance, & Segerberg, Alexandra. (2012). The logic of connective action. *Information, Communication & Society, 15*(5), 739-768. https://doi.org/10.1080/1369118X.2012.670661

Bergamim, Giba, & Cantão, Luciana. (2025, 12 set.). USP registra série de episódios de violência causados por influenciadores na Faculdade de História. *G1 São Paulo*. https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/09/12/usp-registra-serie-de-episodios-de-violencia-causados-por-grupos-de-direita-na-faculdade-de-historia.ghtml

Biazo, Glauber C. F. (2011). Desafios políticos e vida acadêmica: a experiência docente na FFLCH-USP no período de (re)construção da democracia no Brasil (1979-2009). *In* ANPUH, *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo.

Bourdieu, Pierre. (2007). *A economia das trocas simbólicas*. Perspectiva.

Bourdieu, Pierre. (2003). *Questões de Sociologia*. Margens 47.

Brown, Wendy. (2019). *In the ruins of neoliberalism: The rise of antidemocratic politics in the West*. Columbia University Press.

Carlotto, Maria C. (2025). "Boa guerra, garoto(s)!": bolsonarismo, "anti-intelectualismo" e masculinidade. *Estudos Avançados, 39*(113), e39113197. https://doi.org/10.1590/s0103-4014.202539113.011

Carvalho, Olavo de. (2014). *A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra e Antonio Gramsci*. Vide Editorial.

Chauí, Marilena. (2021). *O exercício e a dignidade do pensamento: o lugar da universidade brasileira* [Apresentação em congresso]. Congresso Virtual UFBA – Universidade em Movimento 2021. Universidade Federal da Bahia. https://www.youtube.com/watch?v=WYm1cecNYs0.

Cesarino, Letícia. (2020). How social media affords populist politics: remarks on liminality based on the Brazilian case. *Trabalhos em Linguística Aplicada, 59*(1), 404-427. https://doi.org/10.1590/010318136861916202004l0

Couldry, Nick, & Mejias, Ulises. (2019). *The costs of connection*. Stanford University Press.

Duarte, Rosália. (2002). Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de pesquisa*, (115), 139-154. https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000100005

Eco, Umberto. (2018). *O fascismo eterno*. Editora Record.

Farage, Eblin. (2022). Educação superior pública, ultraneoliberalismo e extrema direita no Brasil: traços do retrocesso em curso. *Tópicos educacionais, 28*(1), 70-99. https://doi.org/10.51359/2448-0215.2022.254225

Foucault, Michel. (2009). *A história da sexualidade 1: a vontade de saber*. Edições Graal.

Freire, Paulo. (2001). *Política e educação: ensaios*. Cortez.

G1. (2023, 18 ago.). *GCM de folga que acompanhava suplente de deputado saca arma dentro da USP e alunos dizem que ele "apontou arma para a cara de estudantes"*. G1 São Paulo. https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/08/18/gcm-de-folga-que-acompanhava-suplente-de-deputado-saca-arma-dentro-da-usp-e-alunos-dizem-que-ele-apontou-arma-para-a-cara-de-estudantes.ghtml

Gallego, Esther S. (org.). (2018). *O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil*. Boitempo.

Gherman, Michel, & Klein, Misha. (2021). Aquela Noite: o lugar da Israel imaginária na nova direita brasileira. *Revista Anthropológicas, 32*(2), 111-140. https://doi.org/10.51359/2525-5223.2021.251633

Giddens, Anthony. (1998). *Política, sociologia e teoria social: encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo*. Editora da Unesp.

Hofstadter, Richard. (1963). *Anti-intellectualism in American life*. Alfred A. Knopf.

Jasper, James. (2011). Emotions and social movements. *Annual Review of Sociology, 37*, 285-303.

Leher, Roberto. (2021). Universidade pública federal brasileira: future-se e "guerra cultural" como expressões da autocracia burguesa. *Educação & Sociedade, 42*, e241425. https://doi.org/10.1590/ES.241425

Marcuse, Herbert. (2007). Tolerância repressiva. *Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP), 12*, 28-58.

Miguel, Luís Felipe. (2018). A reemergência da direita brasileira. *In* E. S. Gallego (org.), *O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil* (pp. 17-27). Boitempo.

Moffitt, Benjamin. (2016). *The global rise of populism*. Stanford University Press.

Paiva, Deslange. (2024, 6 out.). Vereador mais votado de SP, Lucas Pavanato, 26 anos, é bolsonarista e tem como proposta "proibir pessoas trans em banheiro feminino". *G1 São Paulo*. https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2024/noticia/2024/10/06/vereador-mais-votado-de-sp-lucas-pavanato-26-anos-e-bolsonarista-e-tem-como-proposta-proibir-pessoas-trans-em-banheiro-feminino.ghtml

Palhares, Isabela. (2025, 27 jan.). Escolas de SP perderam 35% da carga horária das aulas de ciências humanas. *Jornal Folha de S. Paulo*. https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2025/01/escolas-de-sao-paulo-perderam-35-da-carga-horaria-para-as-ciencias-humanas.shtml

Percassi, Jade, Sigolo, Vanessa M., Arantes, Pedro F., Moura, Maurício, Foguel, Debora, Smaili, Soraya S., & dos Reis, Ademar Arthur C. (2024). Universidades públicas na mira bolsonarista: doutrinação, balbúrdia e cotas na guerra cultural da extrema-direita. *Revista Eco-Pós, 27*(1), 378-405. https://doi.org/10.29146/eco-ps.v27i1.28033

Piva, Felipe P. (2023). O adoecimento psíquico na graduação e os marcadores sociais da diferença na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP). *Etnográfica, 27*(2). https://doi.org/10.4000/etnografica.14044

Reinhardt, Bruno, & Cesarino, Letícia. (2024). Fascismo atmosférico: o bolsonarismo como cronopolítica. *Revista Antropolítica, 56*(2), e59314, 1-26. https://doi.org/10.22409/antropolitica2024.v56.i2.a59314

Saura, Geo, Adrião, Theresa, & Arguelho, Mateus. (2024). Reforma educativa digital: agendas tecnoeducativas, redes políticas de governança e financeirização edtech. *Educação & Sociedade, 45*, e286486. https://doi.org/10.1590/ES.286486

Silva, Fernando S. da. (2014). *Maria Antônia: uma rua e seus significados* [Dissertação de Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura]. Universidade Presbiteriana Mackenzie. http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/25054

Silva, Anderson L. da. (2024). Maria Antônia: história e crítica do presente. *Discurso, 54*(1), 16-28. https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.2024.224512

Souza Júnior, Orlando A. de O., & Mansano, Sonia Regina V. (2023). O devir vagabundo(a) como resistência ao trabalho no sistema capitalista. *Psicologia & Sociedade, 35*, e262117. https://doi.org/10.1590/1807-0310/2023v35262117

Sponholz, Liriam. (2020). O papel dos discursos de ódio (*online*) na ascensão da extrema direita: um aporte teórico. *Confluências – Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito, 22*(3), 220-243. https://doi.org/10.22409/conflu.v22i3.47124

Taylor, Diana. (2003). *The archive and the repertoire*. Duke University Press.

Tilly, Charles. (2008). *Contentious performances*. Cambridge University Press.

Trói, Marcelo de. (2021). Rastros de 1968 nos artivismos das dissidências sexuais e de gênero. *Revista Estudos Feministas, 29*(1), e62773. https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n162773

Trói, Marcelo de. (2019). Direitos sexuais e identidade de gênero são direitos humanos – onde está a ideologia? *In* M. E. Calazans *et al.* (org.). *As desigualdades de gênero e raça na América Latina no século XXI* (pp. 43-62). Editora Fi.

Trói, Marcelo de, & Quintilio, Wagner. (2021). Apocalipse viral: política, ciências e a ameaça negacionista. *In* A. Mota (org.). *Sobre a pandemia: experiências, tempos e reflexões* (pp. 150-170). Hucitec Editora.

Veras, Thor João de S. (2020). Negacionismo viral e política exterminista: notas sobre o caso brasileiro da COVID-19. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia, 11*, e45. https://doi.org/10.5902/2179378643934

Recebido: 31 out. 2025.
Aceito: 27 mar. 2026.

Licenciado sob uma Licença Creative Commons Attribution 4.0